

# Metodologías

## 28

# Modos inventivos de pesquisa: Estudo sobre gesto e fotonarrativa

Amanda M. P. Leite \*  
Renata Ferreira da Silva \*\*

**Resumo:** A performance modifica o conhecimento, não é simplesmente um meio de comunicar algo, mas de marcar algo. Interpretar expressões para criar um evento performático e gerar uma experiência, uma situação de aprendizagem torna-se foco/objetivo da investigação. Esta reflexão é um desdobramento dos resultados de duas pesquisas de doutorado realizadas em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina. Aqui jogamos com a performance fotográfica da personagem Dona Passa para problematizar o gesto. Lampejos de pensamentos fazem com que a fotonarrativa revele o corpo na/da história. Ainda que a captura se dê pelo olho, pelo dedo e pelo botão da câmera, a imagem passa por todo o corpo, atravessa e inunda o gesto da fotógrafa e da atriz.

**Palavras-chave:** Gesto, fotonarrativa, performance, pesquisa

**Resumen:** La performance modifica el conocimiento, no es simplemente un medio de comunicar algo, sino de marcar algo. Interpretar expresiones para crear un evento performático y generar una experiencia, una situación de aprendizaje se convierte en foco / objetivo de la investigación. Esta reflexión es un desdoblamiento de los resultados de dos investigaciones de doctorado realizadas en Educación en la Universidad Federal de Santa Catarina. Aquí jugamos con la performance fotográfica del personaje Doña Pasa para problematizar el gesto. Los destellos de pensamientos hacen que la fotonarrativa revele el cuerpo en la historia. Aunque la captura se da por el ojo, por el dedo y por el botón de la cámara, la imagen pasa por todo el cuerpo, atraviesa e inunda el gesto de la fotógrafa y de la actriz.

**Key-words:** Gesto, fotonarrativa, performance, investigación

Partindo da premissa que uma das principais maneiras que o ser humano teria de manifestar, comunicar e até mesmo compreender a experiência seria colocá-la sob a forma de narrativa, este estudo, fruto de mais de quinze anos de trabalho em torna da construção de uma personagem contadora de histórias, compreende que para conhecer uma cultura, as narrativas são uma possibilidade riquíssima não só em termos de conteúdo, mas também pela poética do gesto. Mas, como contá-las? Interpretar expressões para criar um evento performático e gerar uma experiência, uma situação de aprendizagem torna-se foco/objetivo da investigação. A performance modifica o conhecimento, não é simplesmente um meio de comunicar algo, mas de marcar algo e neste sentido, os gestos não estão necessariamente preocupados com a eficácia comunicativa em prol de uma transmissão clara, automática e sem ruídos que reitera o mesmo, mas com um [...] programa, motor de experimentação (Deleuze y Guatarri, 1999: 12).

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada no 1º Encontro Nacional de Contadores de História realizado na [Universidade Federal de Lavras](#) (UFLA), em 2016.

\* Fotógrafa. Doutora em Educação pela [Universidade Federal de Santa Catarina](#) (UFSC). Pesquisadora e Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade e no curso de Pedagogia da [Universidade Federal do Tocantins](#) (UFT), Brasil.

E-mail: [amandaleite@mail.uft.edu.br](mailto:amandaleite@mail.uft.edu.br) Site: <http://amandampleite.wixsite.com/amandaleite>

\*\* Atriz. Doutora em Educação pela [Universidade Federal de Santa Catarina](#) (UFSC). Pesquisadora e Professora do curso de Licenciatura em Teatro da [Universidade Federal do Tocantins](#) (UFT), Brasil.

E-mail: [renataferreira@mail.uft.edu.br](mailto:renataferreira@mail.uft.edu.br) Site: <https://teatrodemimagens.wixsite.com/renataferreira>

## Fotonarrativa 1

Engenho de Histórias de Dona Passa<sup>2</sup>



Fonte: Arquivo pessoal.

Esta reflexão é um desdobramento dos resultados de duas pesquisas de doutorado realizadas em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina. Aqui jogamos com a performance fotográfica da personagem Dona Passa para problematizar o gesto. Engenho de histórias de dona Passa é um espetáculo de contação de histórias no qual a atriz revela uma senhora benzedeira e contadora de causos a partir de um intenso trabalho gestual. Propomos fotonarrativas do espetáculo na intenção de prolongar os pensamentos sobre gestos e fotografias na contação de histórias. Quadro a quadro construímos narrativas. Imagens abertas, que permitem serem descobertas por infinitas leituras. Lampejos de pensamentos fazem com que a fotonarrativa revele o corpo na/da história. Ainda que a captura se dê pelo olho, pelo dedo e pelo botão da câmera, a imagem passa por todo o corpo, atravessa e inunda o gesto da fotógrafa e da atriz.

O texto explora uma metodologia de pesquisa que parte da experiência estética das artistas/pesquisadoras comprometidas com um pensamento gestual e imagético. Nossa provocação é entender o caminho investigativo nas Artes e na Educação como um jogo inventivo sempre

contaminado por nossas próprias histórias e vividos. Como fazer conexões entre a pessoa que pesquisa e a cultura? Exploramos o fazer teatral, a produção de fotonarrativas, o estudo sobre o gesto e suas relações com [...] sujeitos, experiência e contexto (Tourinho, 2013: 65).

Ao fazer pesquisa acadêmica, buscar financiamentos e publicar resultados em periódicos nos deparamos com a necessidade de definição de ciência e de métodos. Neste trabalho destacamos o caráter inventivo de um percurso metodológico dado nas ações processuais que integram o nosso próprio processo de construção e reconstrução de conhecimento. Nosso percurso poderá se repetir no futuro? Provavelmente não. Aqui não nos interessamos por um pressuposto metodológico que cria ordem, estabilidade e lei, mas num entendimento de método como invenção que nos ajuda a produzir [...] sentidos e significados que os indivíduos dão as suas ações, escolhas, motivações e expectativas (Tourinho, 2013: 67).

Neste trabalho, a observação dos gestos de outras pessoas, o estudo da oralidade, de suas expressões e performance deram tom ao percurso metodológico, como se estes elementos escolhessem as pesquisadoras. Mas, em outro momento o percurso extrapola o próprio repertório

<sup>2</sup> Veja mais em: [amamandampleite.wixsite.com/amandaleite](http://amamandampleite.wixsite.com/amandaleite)

## Fotonarrativa 2

Engenho de Histórias de Dona Passa



Fonte: Arquivo pessoal.

de vida numa experiência de alteridade que agora constrói argumentos em torno do gesto, da experiência da fotonarrativa e do corpo na contação de histórias.

Dona Passa inclina-se para pegar uma caixinha de fósforos no chão. O corpo desenha no espaço uma evolução dinâmica de movimento que parte de um plano médio (agachamento) até um plano alto. Dona Passa não fica totalmente ereta na finalização de sua sequência, aludindo um possível caminhar com certa dificuldade expresso também em sua face. Será pelo peso da sacola que carrega ou das marcas de toda uma

vida? Por que Dona Passa mantém a pequena caixa de fósforos nas mãos? O que revelam seus gestos?

Quando os gestos humanos foram entendidos como método científico? Parece que tal estudo inaugura-se por um interesse, na área da saúde, pela maneira de andar. Para Agamben (2015) é Gilles de la Tourette, um antigo interno dos hospitais de Paris e Salapetrière, quem em 1886 publica “Estudos clínicos e psicológicos sobre a caminhada” realizando uma descrição dos passos humanos a partir de um método<sup>3</sup> que reproduz as pegadas dos sujeitos que caminham sobre uma folha de papel. Este método foi aplicado também às descrições de tiques, impulsos espasmódicos em pacientes que não conseguiam ter nenhum controle para iniciar ou finalizar seus mais simples gestos, “se consegue iniciar um movimento, este é interrompido e desarranjado” (Agambem, 2015: 53) o que revelou, naquele contexto, uma síndrome de desordens, inclusive na andadura, na qual a musculatura parecia ser independente de um fio motor. Porém, estas desordens observadas em registros desde 1885 sobre tiques, ataxia e distonias desaparecem no início do século XX. Então temos uma hipótese: a síndrome se torna a norma, e parece que “a partir de um certo momento, todos haviam perdido o controle de seus gestos e caminhavam e gesticulavam freneticamente” (Agambem, 2015: 54).

<sup>3</sup> “Um rolo de papel branco de parede de ao longo de sete ou oito metros por cinquenta centímetros de largura é pregado no solo e dividido ao meio, no sentido do comprimento, com um linha traçada à lápis. As plantas do pé do sujeito são manchadas, neste momento, com dióxido de ferro em pó, que a atinge de uma bela cor vermelho-ferrugem. As pegadas que o paciente deixa caminhando pela linha diretriz permitem uma perfeita medição da caminhada segundo vários parâmetros (comprimento do passo, avanço lateral, ângulo de inclinação, etc.)” (Agamben, 2015: 52).

<sup>4</sup> Nietzsche, no frag. 341 de Gaya Ciência, nos faz imaginar, a visita de um demônio que nos diz: “Esta existência, tal como a levas e a levaste até aqui, vai-ter ser necessário recomeça-la sem cessar, sem nada de novo, ao contrário, a menor dor, o menor prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que pertença à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indizivelmente grande ou pequeno, tudo voltará a acontecer, e voltar a verificar-se na mesma ordem, seguindo a mesma impiedosa sucessão [...] Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes? (Nietzsche, 2005: 179).

Será que perdemos nossos gestos, nossa naturalidade, nossa força de vida e andamos por aí como autômatos desde então? Que forças estariam operando sobre nossos corpos? Nossos gestos estariam escapando de nós? E se nossos gestos não revelam uma vida na qual “potência e ato, naturalidade e maneira, contingência e necessidade tornam-se indiscerníveis” (Agambem, 2015: 54)? Talvez coubesse aqui lançar a hipótese demoníaca de Nietzsche:<sup>4</sup> e se esta vida que estamos vivendo retornasse para ser vivida de novo, da mesma maneira, na mesma sequência e ordem e com os mesmos gestos?

Acontece aqui um desejo de recuperar a potência do gesto, entendendo o mesmo como elemento da prática de uma contação de história, ou seja, de criação. Para tanto analisamos a poética do gesto em contexto de narração a partir do registro fotográfico. Este recurso não é novidade, no mesmo período das publicações no campo da saúde sobre andares e tiques, encontramos o fotógrafo inglês Eadward Muybridge (1830-1904) que realiza, na universidade da Pensilvânia, uma série de imagens instantâneas que capturam movimentos de animais e pessoas em locomoção, revelando, em grande parte, sequências gestuais. Nesta fotonarrativa o que nos interessa é o gesto. Seria possível capturar a imagem de um gesto?

Dona Passa caminha em busca de um banco. Não larga a caixinha de fósforos nem para sentar. A sequência mostra um corpo cansado que despenca no assento. O chinelo antigo reforça a idade avançada que contradizem as jovens pernas

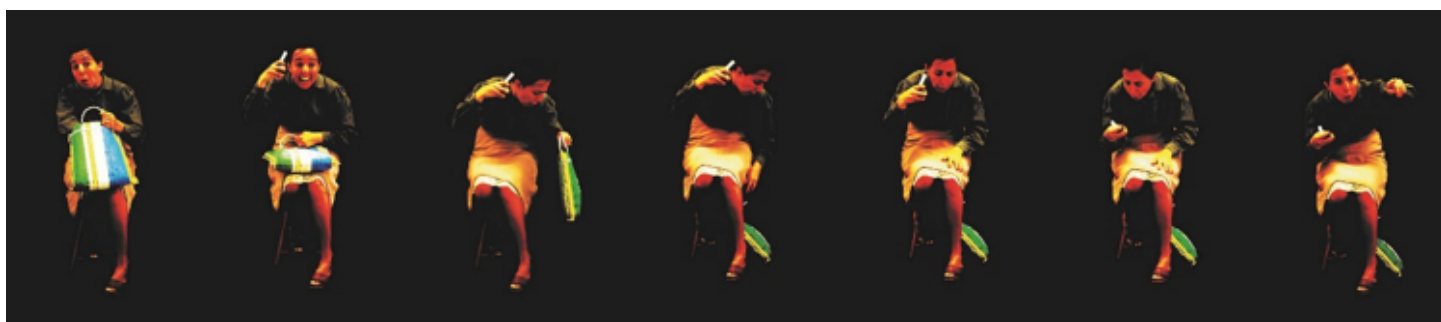
que sustentam a velha. Dona Passa é personagem que conta histórias de bruxas, lobisomens e namoros rememorando narrativas, cantigas e versos dos tempos das farinhadas nos engenhos de Farinha de Santa Catarina. Mas nem tudo pode ser dito. Algumas coisas precisam da urgência da ação. As narrativas de Dona Passa são estudadas de forma dupla, recriando inventivamente algumas estruturas gestuais, vocais e comportamentais de senhores e senhoras do literal de Santa Catarina, a partir de um intenso trabalho de mimeses corpórea vocal, como base para interpretação. A pesquisa, voltada à poética do gesto, assume e suporta o desinteresse por ser um meio de comunicação, com um objetivo definido no qual o gesto é passagem para uma finalidade (dar suporte a uma narrativa, ilustrá-la ou ainda comentá-la) ou ter em si sua própria finalidade, o gesto pelo gesto. O que nos move então?

Poderia o gesto, expor, contar, narrar, sem nenhuma transcendência, mas em sua própria medialidade? Dona Passa procura sua vela dentro da bolsa, encontra, mostra para o público e desenvolve uma série de maneiras de olhar, levantar, sentar que revelam surpresa, preocupação, graça e repreensões. “O gesto é, neste sentido, comunicação de uma comunicabilidade” (Agambem, 2015: 60), ou de quanto um corpo na sua expressão gestual supri a impossibilidade de falar comunicando a própria comunicabilidade dos gestos.

Poderia o gesto, expor, contar, narrar, sem nenhuma transcendência, mas em sua própria medialidade? Dona

### Fotonarrativa 3

Engenho de Histórias de Dona Passa



Fonte: Arquivo pessoal.

## Fotonarrativa 4

Engenho de Histórias de Dona Passa



Fonte: Arquivo pessoal.

Passa procura sua vela dentro da bolsa, encontra, mostra para o público e desenvolve uma série de maneiras de olhar, levantar, sentar que revelam surpresa, preocupação, graça e repreensões. “O gesto é, neste sentido, comunicação de uma comunicabilidade” (Agambem, 2015: 60), ou de quanto um corpo na sua expressão gestual supri a impossibilidade de falar comunicando a própria comunicabilidade dos gestos.

Miramos a personagem e reativamos nossas memórias. Os gestos de Dona Passa parecem familiares, marcam um tempo, um espaço e reconfiguram a própria paisagem. Na série fotográfica o gesto se desprende da personagem para ficcionalizar outras narrativas, outras lembranças. O corpo-objeto torna-se arte. Arte imóvel, capturada. Paisagem modificada que não volta ao seu estado original. Corpo e gesto convertidos em história (ou na possibilidade de uma contação de história). A personagem é alinhada e colocada em pose a partir da visão da fotógrafa. Estamos diante de uma imagem que provoca o modo de olhar. É a repetição da personagem e a sutileza na troca de pequenos gestos que apreendem o olhar. Isto nos faz voltar às fotografias muitas vezes. Percorremos os detalhes em busca de algo

que não sabemos bem o que é. Entrecruzamos histórias e personagens? Buscamos realidade, ficção?

Dona Passa, passo a passo desloca-se no espaço. Na primeira sequência observamos que ela abandonou a caixinha de fósforos e tem agora, uma vela nas mãos. Para onde vai Dona Passa? Com quem se relaciona? Neste espaço a personagem parece não estar só. No sétimo quadro da primeira linha notamos apenas parte da saia e do braço direito da personagem no enquadre. Ela estaria vendo fantasmas? Melhor acender uma vela e benzer o espaço.

Na série fotográfica de Dona Passa não estamos preocupadas com a mimese do real uma vez que as fotografias são pensadas e projetadas para provocar sensações e narrativas. Se o que vemos consegue nos afetar, podemos ser atravessados pela cena, pelos elementos contidos na ficção. Para lembrar Barthes (1984), as roupas, os gestos, as expressões, a contradição da personagem e uma gama variada de detalhes não fazem da fotografia uma coisa simples, antes a deslocam da morte (que captura o acontecimento) para a vida (cujas sensações e sentidos permitem refletir sobre os



elementos, tempos e espaços capturados). A fotografia, e neste caso a fotonarrativa, é polissêmica e pode operar como campo de expansão para distintas significações já que as imagens não são fixas. Ao contrário, se a imagem fotográfica pode despertar a imaginação daquele que vê, sempre que a fotografia estiver diante de um novo espectador haverá a aposta na construção de outras leituras e sentidos.

Numa abordagem mais recente com Deleuze e Guattari (1992) observamos que “não estamos no mundo, tornamo-nos com o mundo, nós nos tornamos, contemplando-o. Tudo é visão, devir” (p. 220). Seja no teatro ou diante de uma exposição fotográfica, a relação entre o público e a obra está ligada também ao modo como o espectador lida com a sua capacidade de pensar e de falar a partir daquilo que vê. O fato de não sabermos exatamente a intenção da atriz e da fotógrafa é um ponto potente para pensar a produção da imagem e a própria contação de histórias dada também na força gestual da personagem.

Dona Passa interrompe as curvas traçadas nas sequencias anteriores e conduz a vela como uma espécie de onda. Para cima, para baixo, para os lados.... As pernas funcionam como uma base fixa que sustenta o corpo. A expressão da personagem parece apreensiva, assustada e, ao mesmo tempo, confiante para enfrentar seus fantasmas.

Aos poucos a imagem se torna inteligível, permite leituras de temporalidades, espacialidades e gestos que encontram, na figura do leitor, alguém pronto a escrever, descrever e prescrever o texto e, quem sabe até, substituir à ideia ou reapresentar algo que está ausente. O que nos resta são gestos em imagens. Algo inacabado, aberto, que deseja ser revelado por infinitas leituras. Interessa pensar sobre os alhures do encontro com o agora, investigando os gestos como se desejássemos cavar a terra à procura de um tesouro esquecido. Gestos e fotografias que podem revelar eventos de nós mesmos. Eis a foto! Eis a eleição de um acontecimento. Eis a memória! Eis o mundo-imagem que promete sobreviver a todos nós (Sontag, 2004: 22.) Eis Dona Passa, os gestos, o jogo, o espectador e, por que não, uma contação de histórias?

No teatro, podemos pensar que o texto do/a ator/atriz é composto de suas ações físicas e vocais. Sua técnica corpórea constitui sua língua. Uma linguagem-corpo. Um pensar em movimento, em ação. Decroux, por exemplo, entendia que a ação nasce da coluna vertebral. Há uma clara diferença aí entre os movimentos e gestos que nascem dos braços e das mãos em relação às ações que nascem da coluna, o grande centro de expressão do corpo, e ecoam nas mãos e nos braços, as terminações e prolongamentos do corpo.

### Fotonarrativa 5

Engenho de Histórias de Dona Passa



Fonte: Arquivo pessoal.

**Fotonarrativa 6**

Engenho de Histórias de Dona Passa



Fonte: Arquivo pessoal.

34

*[...] Ce que j'appelle le tronc, c'est tout le corps, y compris les bras et les jambés... pourvu que ces bras et ces jambes ne se meuvent qu'à l'appel du tronc et prolongeant sa ligne de force[...]S'il y a émotion le mouvement part du tronc e retentit dans le bras plus ou moins. Si l'n`y a qu'explication d'intelligence pure, dépourvue d'affectivité, le mouvement peut partir des bras pour ne transporter que les bras ou entraîner le tronc (DECROUX, 1963 : 60-61).<sup>5</sup>*

Burnier (2009) insiste que para Decroux a ação parte do tronco, do eixo central do corpo. Em relação ao gesto, a diferença seria que este nasce da periferia do corpo e não da parte interna. Expressões faciais, movimentos de mãos e pés que não têm origem na coluna vertebral configuram-se como gestos, não ações físicas. Isto não significa dizer que um gesto periférico não possa se tornar uma ação física. Para isto ele deve ser um prolongamento de um impulso localizado na coluna vertebral.

Uma ação física para um/a ator/atriz está longe de ser uma atividade qualquer ou grandes movimentos. As ações podem inclusive ser pequenas. O importante é que sejam orgânicas e vivas. Resultado de todo um engajamento da pessoa. A ação física pode, portanto, ser considerada como a menor partícula viva do texto do/a ator/atriz [...] O fato é que sua poesia estará sempre em como ele faz, modela, articula, dá forma às suas intenções, a seus impulsos interiores ou, ainda, em como esses impulsos e intenções tomam corpo e forma, em como se articulam transformando-se em ações físicas (Burnier, 2009: 35-36). Dona Passa e sua fotonarrativa problematiza o conceito de gesto tomado aqui neste texto menos como periferia do movimento do que impulso/ intenção que expressa narrativas.

A fotonarrativa restringe a gestualidade vocal convidando-nos a mergulhar no território do não dito ao partilhar pequenas dramaturgias que evidenciam o gesto como expressão de uma comunicabilidade poética. O gesto pode ser uma força que expressa todo um engajamento do corpo, um meio de marcar uma experiência narrativa, um modo de contar/partilhar a experiência, enfim um modo que por si só, pode narrar. Muito além de um registro documental, a fotonarrativa abre possibilidades para o território fértil da imaginação, lugar de (re)criação de histórias, leituras mais amplas e complexas sobre a personagem, seu mundo, seus gestos e expressões. A fotografia funciona quando pede ao leitor o movimento de “descongelar” a imagem, fazendo com que Dona Passa se misture a nós, nossas reminiscências e dê continuidade a narrativa explorando aí outros pensamentos.



## Referências Bibliográficas

- AGAMBEM, Giorgio, (2015) *Meio sem fim: Nota sobre a política*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica.
- BARTHES, Roland (1984). *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BURNIER, Luís Otávio (2009). *A arte de ator: da técnica a representação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- DECROUX, Étienne (1963). *Paroles sur le mime*. Editions Gallimard.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1992). *O que é a Filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr e Alberto Alonso Munoz. São Paulo, SP: Editora 34.
- GALARD, Jean (2008). *A beleza do gesto: uma estética das condutas*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Ed. Da USP.
- NIETZSCHE, Friedrich (2005). *A Gaya Ciência*. Trad. Jean Melville. São Paulo. Editora Martin Claret.
- SONTAG, Susan (2004). *Sobre Fotografia/ Susan Sontag*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia da Letras.
- TOURINHO, Irene (2013). Metodologia(s) de pesquisa em arte/educação: o que está (como vejo) em jogo. In: DIAS, B. e ARWIN, R. L. (orgs.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia* – Santa Maria: Editora da UFSM.

---

<sup>5</sup> [...] O que chamo de tronco, é todo o corpo, compreendendo os braços e as pernas [...] contanto que esses braços e pernas se movam somente ao chamado do tronco e prolongando sua linha de força [...] Se tem emoção o movimento parte do tronco e ecoa mais ou menos nos braços. Se só tem explicação da inteligência pura, desprovida da afetividade, o movimento pode partir dos braços para transportar somente os braços ou levar o tronco. Tradução: Luís Otávio Burnier (2009: 32).